

Pontifícia Universidade Católica



**Uma Leitura sobre a Teoria do Apego e uma
Aproximação com a Metapsicologia via
o conceito de Pulsão de Apego**

Renata Teodoro de Assis

Dezembro 2006

Prof^ª. Flavia Sollero

Dedico esta monografia ao Dino, quem primeiro mostrou-me como pode ser intrincada a relação entre uma mãe e seu filho.

(...)

*Debí comenzar diciendo que todavía no
he acabado de nacer, que soy gestado lentamente, con
angustia, en un largo y sumergido proceso. Ellos maltratan
con su amor, inconscientes, mi existencia de nonato.*

*Trabajan largamente mi vida entre sus
pensamientos, manos torpes que se empeñan en modelarme,
haciéndome y deshaciéndome, siempre insatisfechos.*

*Pero un día, cuando den por azar con
mi forma definitiva, escaparé y podré soñarme yo mismo,
vibrante de realidad.*

(...)

*Juán José Arreola,
Confabulario Total (1962)*

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Flavia Sollero, pelas idéias, pelos livros e pelo apoio constante na realização desta monografia e em vários outros momentos da minha formação. Obrigada, Flavia!

Agradeço à Maria Elizabeth Ribeiro e à Maria Inês Bittencourt pela atenção e pela leitura final deste trabalho. Bethinha me indicou livros sobre primeira infância que muito nortearam minha escolha. Muito obrigada!

Agradeço também à minha supervisora, Silvia Zornig, pelo apoio, pelo investimento no trabalho da nossa equipe, pelos conselhos e pelos ensinamentos. Obrigada, Silvia.

Queria agradecer aos professores do curso de psicologia, em especial Lydia Levy, Carolina Lampreia, Regina Pontes, Monah Winograd, todos que ajudaram na minha formação, me aconselharam e abriram portas de suas instituições de trabalho. Obrigada.

Chico e Val, muito obrigada! Sem vocês, ninguém se forma!!!

Queria agradecer à minha família, meus pais, Ricardo e Geny, que sempre me apoiaram nesta escolha e possibilitaram que este meu desejo de voltar a estudar pudesse acontecer, e ao meu irmão, Guto, pelo apoio, pelo carinho, pelas conversas. Obrigada, meus queridos! Agradeço também à minha mineirada, sempre enchendo minha vida de alegria e de ditados.

Meu agradecimento também aos amigos, de longa e nova data, pelo incentivo e pelo carinho durante estes quatro anos. Em especial, Didi e Lu, meus queridos de hoje e de sempre (muito obrigada, Didi, pelas sugestões no texto. Só você mesmo!!!), minha querida amiga Isaura, amiga das horas incertas e grande alegria na minha vida, meus amigos do Casa Verde, pessoas realmente muito, muito especiais, com quem aprendi muitíssimo, meus amigos da PUC, principalmente Bia e Bel, minhas amigas do SPA, Pat, Nanda e Elisa, com quem dividi momentos difíceis e alegres, inclusive minha comemoração de 7 anos (!) e o querido Julio, que me deu a bela epígrafe de presente. Queria agradecer também à Valéria pelo muito que me ensinou.

E agradeço também a fiel companhia do Cacau e da Teca, meus intrépidos escudeiros madrugada adentro, focinhos colados no monitor.

Resumo

Esta monografia faz uma breve revisão da Teoria do Apego, enfatizando os trabalhos de John Bowlby, Mary Ainsworth e Mary Main e depois realiza uma aproximação com a metapsicologia por intermédio do conceito de pulsão de apego, desenvolvido por Anzieu e ampliado por Golse.

Sumário

1.	Introdução.....	1
2.	Breve Biografia de John Bowlby.....	3
3.	Teoria do Apego	8
3.1	Pressupostos Teóricos da Teoria do Apego.....	8
a)	Pressupostos Psicanalíticos	8
b)	Pressupostos Biológicos (comportamento e motivação).....	10
c)	Modelos Operacionais (Representação).....	12
3.2	Teoria do Apego: Bowlby, Ainsworth e Main	13
a)	Primeira Fase da Teoria do Apego: O Comportamento de Apego.....	13
b)	Segunda Fase da Teoria do Apego: Projeto Uganda, Projeto Baltimore e os Resultados da Situação Estranha	17
c)	Terceira Fase da Teoria do Apego: a Importância da Transgeracionalidade	22
4.	Teoria do Apego e Metapsicologia, há uma aproximação possível?	29
5.	Conclusão	33
	Referências Bibliográficas.....	35

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é fazer uma breve revisão da Teoria do Apego, centrando-se nos trabalhos de Bowlby, Ainsworth e Main e discutir a importância dos mesmos para as noções de narratividade e transmissão. Também será feita uma tentativa de aproximação entre esta teoria e a metapsicologia a partir do conceito de pulsão de apego.

A motivação deste trabalho surgiu a partir da divergência que existiu durante muitos anos entre vários psicanalistas acerca da relevância de Bowlby para a psicanálise infantil e da influência deste autor em trabalhos apresentados por novos teóricos de psicanálise infantil, como Daniel Stern e Bernard Golse.

A grande controvérsia gerada quando John Bowlby lançou sua teoria provocou o afastamento progressivo do autor dos círculos psicanalíticos e o aproximou dos ambientes de discussão dos psicólogos do desenvolvimento. Para facilitar o entendimento das escolhas de modelos epistemológicos mais afastados da psicanálise na construção da Teoria do Apego, será apresentada, no segundo capítulo, uma breve biografia de John Bowlby, dada a associação inevitável entre sua teoria e sua história pessoal (DIJKEN, VEER et al., 1998).

Apesar da aproximação feita por John Bowlby à psicologia cognitiva e ao método científico, este autor sempre se considerou um psicanalista. Acreditava, ele, estar seguindo os pressupostos da teoria geral da etiologia de Freud ao longo do desenvolvimento da Teoria do Apego. Bowlby tomava seus estudos sobre separação na primeira infância (sua teoria da neurose) como sendo “apenas uma variante da teoria do trauma proposta por Freud” (BOWLBY, 1990a, pág. 11).

No entanto, seus contemporâneos não perceberam sua obra desta maneira, considerando seu trabalho absolutamente afastado do campo de pesquisa da psicanálise. Desta forma, trataremos, na primeira seção do terceiro capítulo, dos pressupostos psicanalíticos e biológicos, antes de apresentar a Teoria do Apego propriamente dita. Na segunda seção do terceiro capítulo, será apresentada a Teoria do Apego de Bowlby e a importância dos trabalhos de Mary Ainsworth na corroboração e ampliação desta teoria. Na terceira seção, será apresentada a terceira fase desta teoria, a partir do trabalho de teóricos como Mary Main, que levaram a Teoria do Apego a aproximar-se de questões relativas à narratividade e à transmissão transgeracional, questões apenas delineadas na primeira fase desta teoria por Bowlby.

No quarto capítulo, serão expostas as idéias de Bernard Golse em relação a uma possível aproximação entre a Teoria do Apego e a Metapsicologia por intermédio do conceito de pulsão de apego e pelo entendimento da importância do estudo da narratividade nesta terceira fase no sentido de atribuir ao apego um estatuto de representação mental, tirando-o do viés comportamentalista (MAIN, 2001).

O quinto capítulo traz as conclusões acerca do desenvolvimento realizado pela Teoria do Apego e a aproximação feita com a metapsicologia por Bernard Golse. Enfatiza-se, finalmente, que os estudos sobre narratividade são o elemento da aproximação entre Teoria do Apego e Metapsicologia.

2. Breve Biografia de John Bowlby

John Bowlby nasceu em 1907, na Inglaterra, em uma família de classe média alta inglesa. Seu avô, um correspondente do *Times* durante a Guerra do Ópio, foi capturado, torturado e brutalmente assassinado. Seu pai, Sir Anthony, foi um importante cirurgião militar da época, conhecido por arriscar-se enquanto cuidava de soldados feridos no *front* durante a Primeira Guerra Mundial. Anthony cuidou de sua mãe viúva, só casando-se depois do seu falecimento.

John foi o quarto de seis filhos e foi criado por uma babá, dentro da tradição britânica. Tony, o irmão mais velho (apenas 13 meses de diferença), e John eram tratados como gêmeos, estudando na mesma sala de aula e sendo muito competitivos, apesar da amizade entre os dois. A família vivia em Londres e passava as férias de verão na Ilha de Skye na Escócia. Em Londres, as crianças tinham contato com sua mãe somente durante uma hora depois do chá da tarde, em que ela lia para os filhos. Nas férias, o acesso à mãe era bem mais longo, quando saíam todos para caminhadas ao ar livre. Quando John fez quatro anos, sua babá largou o emprego, deixando-o desolado. Anos mais tarde, escreveria que a perda tão abrupta de um cuidador nesta idade é como perder a própria mãe. Bowlby descreveu sua mãe, ao longo de suas biografias, como uma mulher preocupada em não mimar seus filhos, respondendo de maneira seca aos clamores de atenção e afeto que os filhos faziam (COATES, 2004).

Aos sete anos de idade, como era comum na educação tradicional inglesa, foi mandado a um colégio interno “para sua própria segurança”, segundo os motivos dados pela família, passando depois para a escola naval Dartmouth antes de prosseguir seus estudos na faculdade.

Em 1925, iniciou sua carreira acadêmica em Trinity College, Cambridge, seguindo os conselhos de seu pai, cirurgião. Nos primeiros anos neste *college*, estudou as ciências naturais, depois as ciências morais, com especial interesse na psicologia do desenvolvimento. Durante o período da faculdade, ganhou muitos prêmios pelo seu desempenho intelectual.

Depois da graduação, em 1928, realizou trabalhos voluntários em duas escolas progressistas, sendo uma delas uma instituição para crianças desajustadas (*Priory Gate*). Enquanto lecionava, Bowlby ficou impressionado pela quantidade de crianças que haviam perdido sua mãe precocemente. Com o fim destes dois trabalhos, Bowlby foi persuadido por John Alford, um membro da equipe de *Priory Gate* que se tornaria grande amigo e conselheiro de Bowlby, a fazer seu curso de medicina para que pudesse treinar na área de

psiquiatria infantil. Assim, em 1929, com vinte e dois anos de idade, Bowlby entrou para *University College Hospital in London* (em 1933, ele se formaria em medicina).

Ao mesmo tempo, Bowlby foi aceito na *British Psychoanalytical Association (BPS)*, sendo analisado por Joan Riviere (que era fortemente influenciada pelo trabalho desenvolvido por Melanie Klein) e supervisionado por Nina Searl e, posteriormente, por Ella Sharpe. Nesta época, a *BPS* tinha três grupos de influência: Grupo A, que se aproximava de Freud, o Grupo B, que se aproximava de Klein e o Grupo do Meio. Em 1937, ele se formou como analista. Sua primeira análise de criança foi supervisionada por Melanie Klein. No entanto, a influência de Klein sobre seu trabalho seria paradoxal. Klein proibia Bowlby de conversar com os cuidadores de seus analisandos. Bowlby, porém, interessava-se pela transmissão transgeracional das dificuldades no apego e pelo entendimento de como um problema não resolvido em uma geração surgiria na geração seguinte. Bowlby empenhou-se em mostrar que as experiências reais das crianças, e não somente as fantasias, tinham efeitos significativos em muitos aspectos do desenvolvimento. Ele também desejava apoiar-se nos comportamentos como indicadores de representações internas, tanto da criança, quanto da mãe. A Escola Húngara teria, assim, grande influência para o trabalho de Bowlby, principalmente os textos de Ferenczi, Benedek e Hermann, uma vez que essa escola enfatizava a importância do laço entre o objeto primário e a mãe. Outras influências importantes em sua obra foram os trabalhos de Spitz e de Fairbairn e Suttie. Bowlby preocupava-se, sempre, que suas teorias psicanalíticas fossem consistentes com os achados científicos de outras áreas vizinhas, sendo muito interessado no estudo de etologia e evolução humana.

Ao fim do curso de medicina, Bowlby trabalhou no *Maudsley Hospital*, na área de psiquiatria de adultos. Depois deste trabalho, ele foi aceito no *Child Guidance Clinic in London*, onde foi apresentado à idéia de transgeracionalidade na transferência de neuroses, tema que marcaria sua obra.

Em 1938, Bowlby se casa depois de ter conhecido sua esposa quando em férias na Irlanda. Os dois serão pais de quatro filhos. Uma influência importante para Bowlby, nesta época, foi a do amigo Evan Durbin, apresentado pelo irmão Tony durante os anos em Cambridge. Durbin iria se tornar, mais tarde, um político do Partido Trabalhista e, assim como Bowlby, preocupava-se com a necessidade de ações concernentes ao bem-estar social. Bowlby percebia a psicoterapia infantil como uma forma de medicina preventiva que mudaria não só os indivíduos, mas a sociedade. A colaboração mútua com Evan resultou, em 1938, no livro *Personal Aggressiveness and War*. Evan morreria logo depois da Segunda Guerra

Mundial, deixando Bowlby muito consternado, mas intelectualmente mais interessado no processo de tristeza e luto.

Ao começar a Segunda Guerra Mundial, Bowlby tornou-se crescentemente preocupado com a retirada das crianças para o interior do país e com o impacto desta separação precoce (antes da idade de cinco anos) de suas mães. Junto com a psicanalista de linha kleiniana Susan Isaacs, dirigiu um programa para retirar as crianças de Londres, o que o confrontou, novamente, com as questões acerca de perdas, lutos, separações.

Na década de 40, começou a publicar seus primeiros textos sobre a criança, sua mãe e seu ambiente. A preocupação de Bowlby girava em torno, não só do psiquismo infantil, mas também da realidade social que cercava a criança, dando grande importância à maneira como a criança havia sido educada. Esta preocupação também reflete a influência de seu tempo passado na *London Child Guidance Clinic*, onde fez treinamento médico em psiquiatria infantil. Lá conheceu dois assistentes sociais com formação psicanalítica, Christoph Heinecke e James Robertson, que, com ele, partilhavam idéias acerca da importância de um ambiente saudável nas primeiras experiências do desenvolvimento infantil. Nesta época, Bowlby sentia que a psicanálise enfatizava o mundo intrapsíquico das crianças, em detrimento dos eventos atuais. Assim, escreveu o artigo *The Influence of Early Environment in the development of neurosis and neurotic character*; 1940; Int. Journal of Psychoanal., XXI, 1-25. Neste texto, foram desenvolvidas algumas idéias que, posteriormente, norteariam a Teoria do Apego. Em 1944, publicou o artigo *Forty-Four Juvenile Thieves, their characters and home live*, em que associa o fenômeno de delinquência a um histórico de privação e separação materna. Segundo Bowlby, o período de seis meses em que esteve com esses jovens foi um dos mais ricos para sua teoria. O autor impressionou-se com a privação emocional e com a quantidade de perdas reais vividas por estes pacientes. Este artigo rendeu-lhe a indicação, em 1949, para trabalhar na Organização Mundial da Saúde.

Depois da Segunda Guerra Mundial, Bowlby tornou-se chefe do Departamento Infantil da Clínica Tavistock em Londres. E para salientar a importância das relações parentais, renomeou este departamento para Departamento para Crianças e Pais (*The Department for Children and Parents*). Em colaboração com Esther Bick, montou um programa de treinamento em psicoterapia infantil. Os estudos de Bowlby estavam cada vez mais voltados para o entendimento de padrões familiares de interação que ocorriam tanto em situações de desenvolvimento saudável, quanto de desenvolvimento patológico. No entanto, esta clínica ainda estava sob forte influência do pensamento kleiniano, e Bowlby precisou

montar sua própria equipe de pesquisa para poder realizar estudos com novo enfoque nas interações familiares.

Em 1948, depois de conseguir fundos para realizar suas pesquisas, Bowlby contratou James Robertson para realizar uma observação de crianças hospitalizadas, institucionalizadas ou separadas de alguma maneira dos pais, principalmente da mãe. Depois de dois anos de trabalho nos hospitais, Robertson e Bowlby realizaram o filme *A two-year-old goes to hospital* (1952). Este documentário mostra o impacto da perda e o sofrimento vivido por crianças pequenas diante da separação de seus cuidadores. O filme desempenhou um papel fundamental para o desenvolvimento da Teoria do Apego e também para que houvesse mudanças no tratamento dado às crianças hospitalizadas, permitindo a estada dos pais nos hospitais durante o período de internação dos filhos.

Em 1949, tornou-se assessor da Organização Mundial de Saúde (OMS) e, nesta posição, pôde pesquisar o impacto das perdas para as crianças em uma Europa assolada pela desintegração familiar do pós-guerra. Sua pesquisa resultou, em 1951, na publicação do livro *Maternal Care and Mental Health* (publicado em formato popular sob o nome *Child Care and the Growth of Love*), em que defendia a importância de uma relação afetiva constante para a saúde psíquica da criança. Para o autor, não seriam as privações nutricional, econômica ou médica, e, sim, a psicológica a que mais causaria problemas às crianças.

A partir de 1950, Bowlby deu um fundamento cada vez mais biológico à sua teoria, fruto de seu interesse pela biologia darwiniana e pela etologia. Esta área de conhecimento, fortemente influenciada pelo seu encontro com Robert Hinde, teria o papel de esclarecer a natureza dos laços entre mães e filhos. Hinde mostraria para Bowlby a importância do trabalho desenvolvido por Harlow com macacos rhesus. Depois de ver as fitas gravadas por Harlow, Bowlby convenceu-se de que entender o sistema de apego à luz da biologia evolucionária era o caminho certo a ser tomado. Suas primeiras teorizações sobre apego baseavam-se, também, nos conhecimentos adquiridos nestas duas áreas. Sua intenção era criar uma teoria psicanalítica sobre relação objetal e motivação em bases firmemente científicas.

A primeira apresentação formal da Teoria do Apego seria feita a partir de 1957, quando Bowlby leu seus três clássicos artigos na *British Psychoanalytic Society: The Nature of the Child's Tie to his Mother* (1957), em que ele revisa as explicações da teoria psicanalítica vigente para o investimento libidinal do bebê em sua mãe; *Separation Anxiety* (1959), em que Bowlby questiona a teoria tradicional, pois esta não consegue explicar o apego à figura materna e as respostas dramáticas das crianças à separação; e o terceiro artigo

seria *Grief and Mourning in infancy and early childhood* (1959). Neste texto, Bowlby questiona a visão de que o narcisismo infantil seria um obstáculo para o luto pela perda de um objeto de amor (Anna Freud postulava que um ego parcamente desenvolvido não seria capaz de realizar um luto).

Bowlby via o comportamento de apego como uma estratégia de sobrevivência criada durante o processo evolucionário. O objetivo do comportamento de apego (sugar, sorrir, chorar, abraçar, seguir) seria tornar a criança mais próxima de sua mãe. Para ele, a não ser que houvesse um sistema de comportamentos que realizasse uma ativação dos cuidados maternos, a criança morreria. Além disso, por acreditar que o instinto de apego seria o principal responsável pela sobrevivência humana, ele o punha acima, na escala de importância, do instinto sexual ou do instinto alimentar.

Na próxima seção, serão apresentadas, brevemente, as bases da Teoria do Apego, como foram propostas por Bowlby.

3. Teoria do Apego

Neste capítulo, iremos descrever os principais pressupostos teóricos e conceitos relativos à Teoria do Apego presentes na obra de John Bowlby.

3.1 Pressupostos Teóricos da Teoria do Apego

Nesta seção, serão apresentados os mais importantes pressupostos teóricos, do ponto de vista psicanalítico e biológico, da Teoria do Apego.

a) Pressupostos Psicanalíticos

Apego: comportamento primário com estatuto próprio

O mais importante pressuposto psicanalítico da Teoria do Apego desenvolvida por Bowlby é que o significado do apego não pode ser reduzido a uma pulsão secundária, constituída a partir da satisfação das necessidades orais. Para Bowlby, o apego é primário e possui estatuto próprio. Bowlby usou o resultado de pesquisas de etólogos (Harry Harlow, Douglas Cairns e Konrad Lorenz) para explicar a ontogenia do vínculo afetivo. Segundo Bowlby, o apego existiria porque haveria uma predisposição do bebê para participar de interações sociais; e a função do apego seria proteger o bebê de possíveis predadores por meio da manutenção de um laço afetivo. Assim, o comportamento de apego é considerado uma classe distinta do comportamento de alimentação ou do comportamento sexual, dotado de dinâmica própria. Para caracterizar, desta forma, essa nova classe de comportamento instintivo, Bowlby elaborou uma nova teoria do instinto, baseada na teoria de sistemas (cibernética) e não no modelo de energia psíquica proposto por Freud.

Nova teoria de instinto

Apesar da influência das teorias de relação objetal na obra de Bowlby, este autor afasta-se dos demais teóricos psicanalíticos porque se baseia em uma nova teoria do instinto. Busca, em autores que estudam sistemas de controle, uma explicação mais ampla para o comportamento instintivo (veremos estes modelos com mais detalhe na subseção b). Assim, neste modelo, a conduta pulsional é ativada tanto por condições internas como externas, quando a função que cumpre torna-se necessária. Em seu livro primeiro da trilogia, o autor discute o modelo de energia psíquica proposto por Freud, considerando-o insatisfatório. Isso porque este modelo define o início de uma ação a partir de uma acumulação de energia e o

término, à sua exaustão. No entanto, Bowlby acreditava que grande parte do comportamento não seria explicável desse modo. Outra falha deste modelo, segundo o autor, seria seu grau de instabilidade e sua não-testabilidade, indicando um desejo, presente na obra de Bowlby, de aproximação do método psicanalítico ao método científico. Uma terceira deficiência do modelo, para Bowlby, seria a própria distinção entre energia psíquica e energia física.

Bowlby baseia-se em duas hipóteses para afastar-se deste modelo sem, para Bowlby, afastar-se da psicanálise: “(1) o modelo de energia psíquica de Freud originou-se fora da psicanálise; e (2) um dos motivos principais para a introdução desse modelo (de energia psíquica) em sua teoria psicológica foi assegurar que ela se harmonizasse com o que ele acreditava serem as melhores idéias científicas da época” (BOWLBY, pág. 16). Como Freud, ele sentia-se livre para escolher hipóteses mais condizentes com o desenvolvimento científico de seu tempo para construir um modelo teórico psicanalítico.

Assim, Bowlby questiona a existência de um modelo alternativo mais adequado. Para tentar solucionar estas falhas, o autor usará o modelo de sistemas de controle, percebendo que, deste modo, iria dar atenção tanto às condições que finalizam um ato, quanto às que o iniciam. Ou seja, na sua teoria do instinto, “no lugar de energia psíquica e sua descarga, os conceitos centrais são os sistemas de comportamento e seu controle, de informação, *feedback* negativo e forma comportamental de homeostase” (BOWLBY, pág.18, 1990a). Desta maneira, a energia postulada é apenas a energia física e os sistemas mediadores do comportamento de apego são ativados por certas condições e só são finalizados por certas outras condições, de acordo com um sistema de *feedback*.

Predisposição da criança para inserir-se em um contexto interpessoal

Também neste modelo, a criança está, desde o princípio, em um contexto intersubjetivo, e não em um narcisismo primário, fechado em relação aos estímulos do mundo. Esta teoria reconhece que a interação entre o bebê e os cuidadores possibilita a formação de uma estrutura de representação interna. Os modelos representacionais se constroem na experiência de “estar com” os cuidadores em tenra idade e ao longo da infância e da adolescência. Para Bowlby, haveria uma forte evidência de que a maneira como as crianças adquiririam estes modelos representacionais baseava-se em suas experiências reais do cotidiano, nas interações com seus pais. Neste sentido, não haveria uma divisão cartesiana entre mundo interno e mundo externo. Aqui, o objeto de estudo seria o vínculo interpessoal

porque o fundamental é a realidade social: toda referência (interna ou externa) deveria estar submetida a uma contextualização interpessoal.

b) Pressupostos Biológicos (comportamento e motivação)

Comportamento Instintivo

O comportamento dos seres humanos varia de acordo com diferentes períodos do seu desenvolvimento, com seu ambiente, com o tempo. No entanto, alguns comportamentos mantêm-se mais estáveis, merecendo a designação de comportamento instintivo. Esse tipo de comportamento possui quatro características principais:

“a) obedece a um padrão reconhecivelmente similar e previsível em quase todos os membros de uma espécie (ou todos os membros de um sexo);

b) não é uma resposta simples a um único estímulo, mas uma seqüência comportamental que usualmente segue um curso previsível;

c) algumas de suas conseqüências usuais são de óbvio valor como contribuição para a preservação de um indivíduo ou a continuidade de uma espécie;

d) muitos exemplos de tal comportamento desenvolvem-se mesmo quando todas as oportunidades comuns de aprendizagem são exíguas ou ausentes.” (BOWLBY, 1990a).

Ao longo do primeiro livro de sua trilogia, Bowlby desenvolve o conceito de comportamento instintivo. Para Bowlby, apesar do ser humano possuir comportamentos extremamente variáveis, que se modificam com os ambientes (cultura), a variabilidade dos comportamentos não seria infinita, sendo encontrados certos padrões como acasalamento, cuidado e proteção aos filhos pequenos, apego dos jovens aos cuidadores, entre outros. Para o autor, o comportamento instintivo não é um movimento estereotipado, mas um desempenho idiossincrático de um determinado indivíduo num determinado meio ambiente” (BOWLBY, 1990a) que obedece a um padrão reconhecível e conduz a resultados também previsíveis e benéficos para o indivíduo. Além disso, haveria uma estrutura básica prototípica comum a outras espécies. No entanto, no ser humano, esta estrutura teria sido aumentada e elaborada em outras direções, sendo também muito instável, ou seja, muito aberta à influência do meio ambiente.

Também se deve considerar que o comportamento instintivo não é herdado. O que se herda é um potencial para se desenvolver certos tipos de sistemas comportamentais, com nuances de acordo com o meio ambiente em que o indivíduo se desenvolve.

Outro fator importante a ser observado é a existência de períodos sensíveis nos primeiros anos de vida, em que o comportamento instintivo do bebê está fortemente relacionado ao comportamento instintivo de um adulto cuidador (estímulos familiares) e ao seu ambiente. Poderíamos, aqui, enunciar a importância do processo de estampagem: “processo que leva (algumas) formas de comportamento a dirigirem-se preferencialmente para determinados objetos” (BOWLBY, 1990a). Ou seja, durante os primeiros anos de vida, o bebê estaria mais suscetível a estabelecer um forte vínculo com seus cuidadores. Isso porque a estampagem tem algumas características peculiares: a) uma preferência claramente definida, b) uma preferência que se desenvolve com rapidez e dentro de um período limitado do ciclo vital, c) uma preferência que se mantém muito estável no tempo.

Sistemas de controle

O conceito de sistemas de controle, tomado emprestado da cibernética, serve ao embasamento da teoria de instinto de Bowlby como um sistema de monitoração e correção dos comportamentos. Os comportamentos regulados pelos sistemas de controle não seriam rígidos, variando de organismo para organismo, adaptando-se aos diferentes ambientes e mudanças ambientais, dentro da capacidade evolutiva do organismo, corrigindo-se para a meta. Ou seja, “esses mecanismos devem levar em conta a discrepância entre a instrução inicial e os efeitos do desempenho atual, sendo possível uma comparação por meio do *feedback*” (BOWLBY, 1990a). Um sistema de comportamento corrigido para a meta utiliza-se de um vasto repertório de movimentos estereotipados ou variáveis para selecionar movimentos não casuais cada vez mais próximos da meta fixada. Quanto mais desenvolvido for o processo, mais econômico será o comportamento. Para que esse processo ocorra da maneira mais eficiente, é necessário que haja: (a) um meio de receber e armazenar instruções referentes à meta; (b) um meio de comparação dos efeitos entre o desempenho com a instrução dada e as alterações do desempenho para ajustar-se à instrução.

Sistemas comportamentais

Bowlby considerava que os animais de ordens superiores possuíam a maior parte de seus sistemas comportamentais inicialmente primitivos, a serem desenvolvidos ao longo do amadurecimento. Estes comportamentos estariam organizados segundo um plano, “uma estrutura globalmente corrigida para a meta composta de uma hierarquia de estruturas subordinadas” (BOWLBY 1990a). Num sistema deste tipo, cada plano e subplano deve considerar um conjunto de instruções para as ações e podem variar. A vantagem de uma organização deste tipo seria a possibilidade de adaptação a diversos ambientes, tornando o indivíduo mais flexível.

c) Modelos Operacionais (Representação)

Os modelos operacionais seriam mapas cognitivos do meio ambiente (modelo ambiental), de outros indivíduos e dos próprios indivíduos (modelo orgânico)– conhecimento introspectivo dos processos mentais, das aptidões e potencialidades comportamentais –para que estes possam realizar planos eficientes para alcançar a meta.

Para que um modelo operacional possa ser bem utilizado é necessário: a) o modelo ser construído a partir de dados existentes ou que se tornem disponíveis; b) o modelo deve ser ampliado para alcançar tanto a realidade experimentada, como realidades potenciais; c) o modelo deve ser coerente, no sentido de que suas previsões devem ser acuradas e capazes de abarcar uma ampla gama de situações.

Quando há uma mudança significativa no ambiente ou organismo, é necessária uma mudança no modelo ambiental ou no modelo orgânico respectivamente. Nem sempre estas mudanças são facilmente realizadas. A psicopatologia seria o resultado de modelos inadequados ou incorretos. Para Bowlby, estes modelos equivaleriam ao mundo interno da teoria psicanalítica tradicional sob um novo ponto de vista.

O estudo de modelos operativos seria muito aprofundado na terceira fase da teoria, com as pesquisas desenvolvidas por Inge Bretherton (MAIN, 2001).

3.2 Teoria do Apego: Bowlby, Ainsworth e Main

Nesta seção serão apresentadas as três fases da Teoria do Apego, enfatizando-se os trabalhos desenvolvidos por John Bowlby, Mary Ainsworth e Mary Main. Serão descritas as principais características de cada fase e suas contribuições para a construção desta teoria.

a) Primeira Fase da Teoria do Apego: O Comportamento de Apego

Na primeira fase da teoria, o objeto de estudo é “a perda da figura materna durante o período entre cerca de seis meses a seis anos de idade” como agente patogênico. Seu objetivo era descrever certos padrões de respostas que ocorreriam na primeira infância a partir de dados observacionais em situações definidas (perda da mãe na primeira infância). Assim, seria possível descrever algumas fases iniciais do funcionamento da personalidade, realizando extrapolações para fases subseqüentes.

Como já descrito na seção anterior, Bowlby criticava a teoria do impulso secundário. Esta defendia que o desejo do bebê de estar com seus cuidadores era resultado de ter sido alimentado por eles. Para Bowlby, esta teoria baseava-se em uma suposição, e não em uma observação ou experimento.

Como opção a esta teoria, Bowlby lançou mão dos trabalhos sobre estampagem, realizados por Lorenz, para poder estudar o comportamento de apego no homem. Segundo o conceito de estampagem, o comportamento de apego pode se desenvolver sem que os filhotes de uma dada espécie tenham recebido alimento ou qualquer outra recompensa. Os filhotes apenas aprendem as características do objeto que deverão monitorar. No caso dos humanos, as características da mãe ou de um cuidador. Assim, serão listadas as características de um processo de estampagem nos humanos:

- “1) Em bebês humanos, respostas sociais de todos os tipos são eliciadas no início por uma vasta gama de estímulos e, mais tarde, por uma gama muito mais limitada, a qual ficará confinada, após alguns meses, a estímulos provenientes de um número restrito de indivíduos.
- 2) Há provas de uma acentuada tendência para responder socialmente a certos tipos de estímulos e não a outros.
- 3) Quanto mais experiência de interação social um bebê tiver com uma pessoa, mais forte se tornará o seu apego a essa pessoa.
- 4) O fato de que aprender a discriminar diferentes rostos segue-se comumente a períodos de atenta observação visual e escuta sugere que a aprendizagem por exposição pode desempenhar um importante papel.

- 5) Na maioria dos bebês, o comportamento de apego dirigido a uma figura preferida desenvolve-se durante o primeiro ano de vida. Parece provável a existência de um período sensível nesse ano, durante o qual o comportamento de apego se desenvolve mais prontamente.
- 6) É improvável que qualquer fase sensível comece antes das seis semanas e pode ser que ocorra algumas semanas mais tarde¹.
- 7) Após seis meses, aproximadamente, e de um modo mais acentuado após os oito ou nove meses, é maior a probabilidade de que os bebês reajam a figuras estranhas com respostas de medo, e também mais provável que reajam com respostas mais vigorosas do que quando eram mais jovens. Por causa da crescente freqüência e força de tais reações de medo, o desenvolvimento do apego a uma nova figura torna-se cada vez mais difícil no final do primeiro ano de vida e subsequente.
- 8) Desde que uma criança tenha ficado fortemente apegada a uma determinada figura, ela tende a preferir essa figura a todas as outras, e tal preferência tende a persistir apesar da separação” (BOWLBY, 1990a).

Bowlby observa que o ser humano possui capacidades inatas para realizar o comportamento de apego: capacidade de apreensão; capacidade de interação (os bebês desfrutam da companhia humana e são capazes de invocar a atenção de um adulto com balbucios e sorrisos). Não só os bebês possuem capacidade de se apegar a uma figura de cuidado, como também a outros bebês e crianças, protestando quando se afastam e recebendo-as efusivamente quando retornam. Fica claro, neste último caso, que não há satisfação de uma necessidade fisiológica no apego a bebês da mesma idade.

Assim, o comportamento de apego seria um produto da atividade de um certo número de sistemas comportamentais que resultam na aproximação da mãe (ou outro cuidador) e na manutenção desta aproximação. No ser humano, a criação desses sistemas é lenta e muito complexa, variando de criança para criança. Este sistema de comportamentos (a sucção, o abraçar, o choro, o riso e o acompanhamento) é ativado quando pela partida da mãe ou pela presença de algo assustador para a criança e os estímulos que finalizam este comportamento são o som, a visão e o contato com a mãe. Este sistema é intensamente ativado na criança até ela atingir os três anos de idade, quando se torna menos urgente a proximidade com a mãe. Para Bowlby, este comportamento seria fruto de um processo evolutivo. Bowlby imaginava que a função mais provável para o comportamento de apego seria a de proteção contra os predadores. Atualmente, a função de apego está associada à proteção de elementos perigosos

¹ Os trabalhos desenvolvidos por Trevarthen e Meltzoff indicam uma fase sensível muito mais precoce. Ambos autores acreditam que existe uma intersubjetividade inata, sendo a imitação neonatal a peça-chave para demonstração desta intersubjetividade (BEEBE, 2003).

para o bebê, à defesa contra ataques iniciados por membros da mesma espécie e à capacidade de seguir os movimentos da tribo (MAIN, 2001).

Também os pais possuem um comportamento complementar ao comportamento de apego dos bebês, chamado comportamento de cuidar. O comportamento de recuperação consiste em recolher o bebê nos braços e assim conservá-lo, mantendo a proximidade com o bebê. Este comportamento só irá cessar quando a mãe perceber que o bebê está a salvo. Assim como o comportamento do bebê se dirige para uma figura materna, também o comportamento da mãe se dirige para um determinado bebê.

Existe um equilíbrio dinâmico na interação entre mãe e filho, havendo um limite mais ou menos estável para a distância entre os dois. Esta interação é realizada dentro de quatro classes de comportamento:

- a) comportamento de apego da criança;
- b) comportamento exploratório e atividade lúdica da criança;
- c) comportamento de cuidado da mãe;
- d) comportamento da mãe que seja antítese dos cuidados maternos (atividades que excluam o cuidado com o bebê).

É possível perceber que o comportamento de apego é apenas um dos comportamentos constituintes da interação mãe-bebê. No desenvolvimento do bebê, a responsabilidade pela aproximação do par mãe-bebê vai, aos poucos, se transferindo da mãe para o bebê, assim que o bebê possa agarrar-se à mãe ou locomover-se para encontrá-la.

É importante salientar que a criança usa a mãe para realizar suas atividades exploratórias. Um bebê, tão logo possa engatinhar, não permanece constantemente ao lado de sua mãe. Ele realiza pequenas excursões exploratórias a partir dela, estudando outros objetos e pessoas, podendo ficar fora da presença da mãe (presença sonora, visual). Porém, de tempos em tempos, o bebê busca a mãe, certificando-se de sua presença. Esta exploração, no entanto, termina se o bebê assustar-se ou machucar-se ou se a mãe se afastar. Caso uma dessas condições ocorra, o bebê buscará a aproximação com sua mãe. Bowlby salienta em seu trabalho que, enquanto uma criança está na presença de uma figura incontestável de apego, sente-se segura e tranqüila. Contudo, uma ameaça de perda gera ansiedade e uma perda real, tristeza profunda. Ambas as situações podem, também, gerar cólera.

Dessa forma, no caso em que uma criança entre 1-2 anos seja separada de seu cuidador e posta em lugar desconhecido sem cuidadores substitutos estáveis, a criança atravessará três

etapas de respostas ante a separação: protesto, desespero e desapego. Na primeira etapa, de protesto, a criança apresentará uma preocupação forte e aberta acerca da localização de sua figura de apego, expressa em chamadas esperançosas e choros. Depois de alguns dias, a fase de desespero se instala, a criança aparenta ainda estar preocupada com o paradeiro de seu cuidador, apresenta choros desesperançados e débeis, torna-se apática e desinteressada do seu entorno. Na última etapa, de desapego, a criança se fixa no seu entorno imediato, evitando e ignorando ativamente a figura de apego primária em um momento de reencontro, podendo até se esquecer dela. No entanto, pessoas menos importantes para a criança, como vizinhos e outros familiares, podem ser mais facilmente recordados. Bowlby comparou o começo do desapego ao começo do processo de repressão e defesa.

Bowlby desenvolveu em sua teoria um critério para descrever diferentes tipos de interação mãe-bebê. Os padrões de apego descritos por Bowlby seriam estudados inicialmente por Mary Ainsworth, que realizaria observações nestas relações mãe-bebê em Uganda e em Baltimore. Os padrões de apego e a segunda fase da Teoria do Apego desenvolvidos por Ainsworth serão apresentados na próxima seção.

Assim, nesta primeira fase do desenvolvimento da Teoria do Apego, Bowlby fixou sua atenção sobre o conceito de comportamento de apego que funcionaria para regular a relação entre o bebê e sua mãe, baseando-se em observações tanto em primatas, quanto em humanos. Bowlby escolheu como ponto de partida as respostas dadas por crianças a separações de figuras de cuidado. Crianças que eram submetidas à separação passariam por três etapas de resposta frente à separação: protesto, desespero e desapego. Bowlby acreditava ser fundamental ao cuidador reconhecer e suportar o protesto de crianças frente a um processo de separação para que não se estabelecesse um quadro patológico na criança. Ou seja, não é a separação ou a perda em si que será responsável pela gênese da patologia, mas a forma como os cuidadores lidam com uma situação de separação e de perda.

É importante salientar, também, que, para Bowlby, as relações dos adultos podem ser compreendidas a partir dos conceitos de apego.

b) Segunda Fase da Teoria do Apego: Projeto Uganda, Projeto Baltimore e os Resultados da Situação Estranha

Mary Ainsworth é considerada co-fundadora da Teoria do Apego, tamanha a importância de suas pesquisas para a reformulação desta teoria. Sua metodologia inovadora permitiu não somente testar empiricamente as idéias por trás da Teoria do Apego, como também expandir a teoria e dar-lhe novos direcionamentos.

Mary Ainsworth, formada na Universidade de Toronto, travou conhecimento com a Teoria do Apego quando se mudou com o marido para Londres. Lá participou do grupo de pesquisa de John Bowlby sobre os efeitos da separação entre mãe e bebê para o desenvolvimento da personalidade infantil na Clínica Tavistock.

Em 1953, seu marido foi transferido para Uganda a trabalho. Mary Ainsworth iniciaria, então, neste país, seu primeiro estudo observacional que pretendia gerar uma validação empírica das noções etiológicas presentes na teoria de Bowlby. Em um primeiro momento, Mary Ainsworth tentou fazer sua pesquisa tendo como tema o desmame, mas depois desistiu, realizando uma longa pesquisa de observação do desenvolvimento do apego entre mãe e bebê.

Em 1955, Mary Ainsworth mudou-se com seu marido para Baltimore, onde realizaria novas e importantes pesquisas para a Teoria do Apego.

O Projeto Uganda

Para a realização desta pesquisa, Ainsworth recrutou 26 famílias com bebês entre 1 e 24 meses. Suas observações duraram até 9 meses. Essas famílias eram visitadas duas vezes por semana durante duas horas. Ainsworth ficava na sala de visitas com as mães e os filhos, observando, principalmente, os sinais e os comportamentos de aproximação das crianças e quando esses sinais eram preferencialmente dirigidos para a mãe.

As longas observações e as entrevistas de Ainsworth deixaram clara a importância da sensibilidade das mães aos sinais infantis (as mães consideradas mais sensíveis eram aquelas que podiam fornecer informações sobre seu bebê com muita riqueza de detalhe e de forma espontânea). Três padrões de apego foram observados:

1. Crianças com apego seguro: choravam pouco e pareciam satisfeitas em explorar o ambiente na presença de suas mães.

2. Crianças com apego inseguro: choravam frequentemente, mesmo quando no colo de suas mães, e exploravam pouco o ambiente.
3. Crianças ainda não apegadas: não manifestavam nenhum comportamento diferencial em relação à mãe.

Ainsworth concluiria, então, que a qualidade do apego estaria altamente relacionada à sensibilidade da mãe em relação ao seu bebê.

O Projeto Baltimore

Em 1963, Ainsworth iniciou seu segundo projeto de pesquisa observacional, com o intuito de replicar os achados do Projeto Uganda. Porém, neste projeto, as entrevistas teriam um papel muito diminuído, em relação ao projeto realizado em Uganda.

Novamente, 26 famílias foram recrutadas, mas, desta vez, antes dos bebês nascerem. Foram feitas 18 visitas entre o primeiro mês de vida do bebê e o décimo quarto mês. Cada visita durava quatro horas, o que resultou em 72 horas de observação por família. Mary Ainsworth preocupou-se com comportamentos significativos, e não com a contagem de frequência de um dado comportamento. O material era organizado como se fosse um relatório em narrativa. O exame dessas narrativas indicava padrões de interação entre a mãe e a criança durante os três primeiros meses. As situações a serem observadas cobriam: situação de alimentação; interação face a face entre mãe e bebê; choro; a saudação e o acompanhamento feito pelo bebê; o equilíbrio entre a exploração do ambiente e o apego; obediência; contato corporal de proximidade; comportamento de aproximação; contato afetivo.

Grande diversidade foi encontrada quanto à sensibilidade, adequação e prontidão com que as mães respondiam aos sinais dos seus bebês. Algumas mães podiam se adequar bem a uma situação de alimentação, mas não à de saudação ou à de obediência. Também, a forma como as mães iniciavam o contato com seu bebê (alegremente ou silenciosamente) iria caracterizar a interação.

De uma maneira geral, mães que eram mais sensíveis durante o primeiro trimestre de vida do bebê, tendiam a ter uma relação mais harmoniosa com seus filhos no quarto trimestre de vida de suas crianças. Bebês que tinham tido uma mãe altamente responsiva durante seus primeiros meses de vida, possuíam uma capacidade maior para se consolar, confiando na capacidade de comunicação facial, corporal e verbal.

A Situação Estranha

Este procedimento foi desenvolvido para examinar o equilíbrio entre o comportamento de apego e o comportamento exploratório sob condições de baixo e de alto estresse.

A Situação Estranha é uma encenação de 20 minutos com oito episódios. A mãe e a criança (em torno de um ano de idade) são apresentadas a uma sala de brinquedos (laboratório). Posteriormente, uma mulher desconhecida irá entrar nesta mesma sala. Enquanto a estranha brinca com o bebê, a mãe deixa a sala por um breve período de tempo e depois retorna. Uma segunda separação ocorre, em que o bebê é deixado sozinho na sala. Finalmente, a mãe e a estranha retornam à sala.

Como esperado, este teste mostrou que as crianças exploram a sala e os brinquedos com mais energia quando estão na presença de suas mães. Mais importante, porém, foram os diferentes padrões de respostas das crianças no momento de reunião com suas mães. Mary Ainsworth pôde encontrar três padrões de resposta referentes a este comportamento. Além disso, Ainsworth percebeu, por meio de sua pesquisa, que não apenas crianças de dois a três anos de idade possuíam estes padrões de respostas, mas também crianças de apenas um ano de idade, como foi observado na Situação Estranha. Os padrões seriam fruto de uma relação primeira com a mãe, que poderia ter uma grande sensibilidade para responder aos apelos de seu bebê (como no caso de bebês com apego seguro) ou que poderia ter capacidade limitada para responder a estes apelos (bebês com apego evitativo) ou respondê-los de maneira imprevisível (bebês com apego ambivalente). Estes padrões foram sistematizados por Ainsworth (sistema de classificação da Situação Estranha):

1. **Apego seguro (B):** Os bebês com apego seguro são ativos em suas brincadeiras e estão prontos para buscarem contato quando aflitos por uma separação breve. São capazes, também, de serem prontamente confortados, voltando-se novamente para suas atividades lúdicas e exploratórias. Aqui há uma modulação na emoção, no sentido de que se pode perceber um momento de crise, gerado pela separação, seguido por um momento de tranquilidade, fruto da reunião com a mãe. (Este tipo de apego foi associado com uma relação entre a mãe e o bebê em que a mãe é sensível aos apelos do bebê e responde de maneira adequada).
2. **Apego ansioso e esquivo (evitativo) (A):** Estes bebês evitam a mãe no momento de reunião após a separação, especialmente após uma segunda ausência breve. Muitos

tratam um estranho de modo mais amistoso do que a própria mãe. Pareciam, assim, reprimir durante o experimento expressões de ansiedade e angústia. Neste tipo de apego, não há uma mudança de emoção drástica. Não há uma crise seguida por um final feliz. Tudo se passa como se nada tivesse acontecido. Estudos posteriores, realizados por Spangler e Grossmann, de 1993 e 1999, mostraram que estas crianças experimentavam uma angústia e um estresse consideráveis, do ponto de vista fisiológico, corroborando a hipótese de repressão proposta por Ainsworth. (Este tipo de apego foi associado a mães que costumam rejeitar seus bebês).

3. **Apego ansioso e resistente (ambivalente) (C):** Estes bebês, ao mesmo tempo em que buscam contato com a mãe após a situação de separação, são resistentes à interação e não são facilmente consolados, como no caso de bebês com apego seguro. Alguns bebês são muito coléricos; outros, passivos. Ficam, durante todo o teste, preocupados com suas mães e demasiadamente angustiados para se confortarem com o retorno delas. (Este tipo de apego foi associado a mães que respondem de maneira inadequada aos apelos de seus bebês, porém sem rejeitá-los).

Mary Ainsworth buscou em seus dados do Projeto Baltimore as características das interações mãe-bebê que pudessem revelar a existência de padrões de cuidado e percebeu que havia uma correlação entre o padrão de comportamento de apego do bebê na Situação Estranha e o padrão de cuidado da mãe que ela observou enquanto fez suas longas observações para este projeto.

Uma criança que apresenta apego seguro possui uma mãe com alta sensibilidade para perceber e responder de maneira coerente aos sinais e comunicações do seu filho, com uma tendência a ser rápida e reconfortante para responder ao mal-estar. A segurança também estava associada a uma forma terna e cuidadosa de carregar o bebê nos braços e com uma sincronização nas interações face a face com o bebê.

Já a criança que possuía um padrão evitativo, geralmente convivia em casa com uma mãe que rejeitava o comportamento de apego do filho, tanto por comentários verbais (aborrecimento de haver tido o filho), como indiretamente, por sua aversão a um contato corporal (algumas mães sentavam-se em posições que impediam uma aproximação da criança ou esquivavam-se quando a criança aproximava-se). Crianças com este padrão de apego mostravam-se ansiosas e com mal-estar, mesmo quando suas mães estavam em casa, e muitas

vezes tinham acessos de raiva com a mãe e tendiam a perseguir e maltratar seus colegas de escola.

O comportamento ambivalente foi associado a uma insensibilidade materna para perceber os sinais da criança, particularmente, com uma imprevisibilidade nas respostas maternas, mas não com uma rejeição da mãe. As mães destas crianças pareciam pouco habilidosas para pôr os bebês em seus braços e incapazes de acompanhar interações face a face. Estas mães pareciam também desestimular a autonomia. Assim, em outros adultos, essas crianças pareciam despertar a sensação de que elas eram mais novas e dependentes do que, de fato, eram.

Os padrões de comportamento de apego vistos na Situação Estranha seriam, assim, facilmente observáveis nos lares das crianças. A organização do comportamento de apego variaria conforme a capacidade da mãe de atender aos sinais e às comunicações de seu filho durante o primeiro ano de vida.

Atualmente, existem três padrões de **apego inseguro**:

1. **Inseguro evitativo (A)**: como já mencionado, a criança protesta pouco na separação e parece não conseguir consolar-se na reunião com seu cuidador, ficando nervosa, mas a uma certa distância, fingindo não perceber os movimentos de idas e vindas de sua mãe.
2. **Inseguro ambivalente (C)**: a criança protesta e não consegue ser consolada na reunião com seu cuidador, enterrando-se em seu colo ou pendurando-se fortemente ao cuidador e chorando sem parar.
3. **Inseguro desorganizado (D)**: este padrão foi sistematizado depois de se observar novamente os tapes gravados durante a pesquisa de Situação Estranha. Muitas crianças não se enquadravam no padrão de comportamento de apego inseguro evitativo ou inseguro ambivalente. Essas crianças não apresentavam nenhum padrão coerente de resposta, elas poderiam paralisar-se, jogar-se ao chão, andar em círculos, ou encostar-se junto à parede durante a situação. A criança não pode usar seu cuidador como fonte de desvelo porque ele é a fonte do medo e da desorientação.

Os padrões de comportamento de apego inseguro seriam uma estratégia de defesa das crianças para se relacionarem com pais inconsistentes ou pais que rejeitam a criança.

c) Terceira Fase da Teoria do Apego: a Importância da Transgeracionalidade

Os trabalhos de Mary Ainsworth caminharam no sentido de reforçar a relação entre o apego e o uso da linguagem. Ainsworth considerava as condutas relacionadas ao apego como um fenômeno que estaria representando algo mais profundo:

“O apego se manifesta por meio de padrões de conduta (específicos), mas estes padrões em si não constituem o apego. O apego é interno (...) Este algo internalizado que chamamos apego tem aspectos de sentimento, de memórias, de desejos, de expectativas e de intenções, todos os quais (...) servem como uma espécie de filtro para a recepção e a interpretação da experiência interpessoal, como um tipo de molde que configura a natureza de uma resposta externamente observável”. (AINSWORTH, 1967).

Por volta dos anos 80, a terceira fase da Teoria do Apego será marcada por uma pesquisa voltada para a ampliação do estudo dos modelos operativos internos teorizados por Bowlby. A metodologia empírica, pedra angular desta teoria, irá buscar novos temas, como os aspectos psicológicos, internos e representacionais do apego. Desta maneira, haverá uma maior preocupação em torno da narratividade e da transgeracionalidade de padrões de apego entre pais e filhos, além de um aprofundamento nos estudos sobre os modelos operacionais, que estão intimamente relacionados à linguagem.

Um dos principais estudos desenvolvidos, nesta fase, é a Entrevista de Apego do Adulto, elaborada por Mary Main e Ruth Goldwyn. Além deste instrumento, foram desenvolvidos testes com figuras para adolescentes a fim de se avaliar a ansiedade frente à separação por Haansburg, o Teste de Angústia de Separação (1972), adaptado, posteriormente, para crianças por Klagsbrun e Bowlby (1976), e revalidado por Kaplan (1984). Foi elaborado, também, um teste para avaliar o apego em pré-escolares. Este teste se estruturava com histórias de bonecos a serem completadas. Os autores foram Inge Bretherton, Doreen Ridgeway e Jude Cassidy (1990).

Nesta terceira fase, estudos foram feitos mostrando que não só o comportamento de uma criança na Situação Estranha predizia seu comportamento em entrevistas futuras, como em entrevistas com estas crianças aos seis anos de idade (MAIN e CASSIDY, 1988), mas também que o comportamento dos pais nas Entrevistas de Apego Adulto tinham uma forte correlação com as reações de seus filhos na Situação Estranha (MAIN, KAPLAN, CASSIDY,

1985). Indicava-se, assim, uma nova área de pesquisa já delineada por Bowlby, a importância da transgeracionalidade nas relações pai-filho.

A Entrevista de Apego do Adulto

Seguindo o movimento da terceira fase da Teoria do Apego em direção à narrativa, a entrevista de Apego do Adulto é um teste que busca avaliar o nível de representação do indivíduo.

Em um primeiro momento, Mary Main, Nancy Kaplan e Carol George (as duas últimas alunas de Main) perguntaram aos pais de crianças sob teste da Situação Estranha como foram suas experiências pessoais na infância. O que foi encontrado foi uma grande correlação entre a forma como os pais narravam suas histórias de relações na primeira infância e as respostas dadas por seus filhos na Situação Estranha. A partir dessa correlação, Mary Main e Ruth Goldwyn desenvolveram um instrumento de avaliação chamado Entrevista de Apego do Adulto (Adult Attachment Interview – AAI). Este instrumento tem a finalidade de perceber estados mentais associados ao apego de um adulto durante a entrevista, privilegiando a estrutura narrativa do entrevistado.

A Entrevista de Apego do Adulto é uma narrativa autobiográfica semi-estruturada em que o adulto (ou o adolescente) é perguntado sobre sua própria infância. Este método de entrevista examina as experiências lembradas e inferidas com os pais, e com cada pai e mãe individualmente. (É provável que nos casos em que o entrevistado tenha diferentes padrões de apego com o pai ou a mãe, o padrão adulto será aquele que se estabeleceu a relação dominante, com o pai ou com a mãe). O mais importante, no entanto, é a forma como o entrevistado apresenta e avalia sua história. A entrevista é classificada dentro de quatro grupos de apego (autônomo-seguro, desentendido, preocupado e desorganizado), de acordo com os padrões de comunicação entre o entrevistado e o entrevistador, além das experiências passadas. Assim, deseja-se revelar “os estados da mente em relação ao apego” (SIEGEL, 1999, pág 79).

“Domínios deste estado da mente incluem: coerência geral do material transcrito, idealização dos pais, insistência em não lembrar eventos, raiva envolvida/envolvente (preocupante), passividade ou vagueza do discurso, medo de perda, respostas evasivas, monitoramento metacognitivo, coerência geral da mente.” (SIEGEL, 1999, pág. 79).

É importante salientar que há uma distinção importante entre o apego da criança e o apego do adulto. O apego da criança está dirigido para algumas pessoas, mais comumente, aos cuidadores, enquanto o apego do adulto não se dirige para nenhuma relação em particular. O que se analisa no apego de um adulto são as idiosincrasias nos estados da mente com respeito à história global de apego, tal como se manifesta no contexto da entrevista.

A função reflexiva é considerada, nesta fase da teoria, como um marco que geralmente surge em relações de apego seguras. Pais com mais capacidade reflexiva podem prover apego seguro por três razões básicas: “ao compreender seus estados emocionais, estes pais são mais capazes de regular suas próprias reações e as relações com seus filhos; podem promover um diálogo reflexivo com os filhos e com todo o grupo familiar; suas comunicações não têm distorções sérias.” (CHINCHILLA, 2002)

Existem quatro categorias de estados mentais associados ao apego no adulto: autônomo-seguro, desentendido, preocupado e desorganizado. O discurso é sempre avaliado dentro das máximas de Grice², a saber, quantidade, qualidade, relação e modo. A seguir, serão apresentadas as características destas categorias.

1. Apego Adulto Seguro-Autônomo (F)³

Há facilidade de acesso às informações gerais e aos detalhes autobiográficos e é possível explorar estes dados de uma forma cooperativa, coerente e reflexiva. Ou seja, existe conhecimento sobre o que ocorreu e é possível lembrar de dados que corroborem uma lembrança, uma sensação. O entrevistado sente-se tranqüilo em descrever episódios do seu

² Paul Grice, filósofo da linguagem, 1913-1988, é conhecido pelo seu trabalho acerca do significado dado pelo falante, pelos seus conceitos sobre as implicações conversacionais e por seu projeto de uma semântica baseada na intenção.

Máximas de Grice

Máximas da quantidade

- Faça sua contribuição tão informativa quanto necessário (para os propósitos reais da troca de informações);
- Não faça sua contribuição mais informativa do que o necessário.

Máximas da qualidade

- Tente fazer sua contribuição verdadeira
- Não diga o que acredita ser falso;
- Não diga algo de que você não tem adequada evidência.

Máxima da relação

- Seja relevante

Máximas de modo

- Seja claro
- Evite a obscuridade de expressão;
- Evite a ambigüidade;
- Seja breve (evite prolixidade desnecessária);
- Seja ordenado

³ (F) significa *Free*, ou seja, o indivíduo é livre para refletir.

passado. As memórias tendem a ser vistas de uma maneira equilibrada, sem idealizações. Caso as memórias sejam difíceis, mas sejam tratadas de maneira reflexiva e sem distorções defensivas como a idealização, o denegrecimento ou a cisão, também o discurso é considerado de apego autônomo-seguro.

O discurso não viola as máximas de Grice. Além disso, e mais importante, o adulto consegue refletir sobre seus processos mentais enquanto faz a narrativa. É capaz, também, de imaginar os estados da mente de outras pessoas presentes durante o episódio ocorrido. Para estas pessoas, é possível pensar sobre a influência dos estados mentais de seus pais sobre o seu desenvolvimento durante sua infância.

Estes adultos conseguem modular altos níveis de intensidade emocional e aproveitar este sentimento de uma maneira positiva e viver relações emocionais gratificantes com outras pessoas.

Pessoas com apego autônomo-seguro percebem “a importância de relações de apego e são livres para viver no presente” (SIEGEL, 1999).

Deve-se salientar que indivíduos com tipo de apego seguro-autônomo serão, mais provavelmente, pais de crianças que tenham apego seguro.

2. Apego Adulto Desentendido (Ds)

Pessoas com este tipo de apego possuem muita dificuldade em se lembrar de eventos de sua autobiografia, em se lembrar de suas infâncias. Parecem minimizar o significado das relações íntimas durante o desenvolvimento infantil e falam sobre estas em termos racionalizantes.

O discurso desses adultos não é coerente porque a descrição geral não é confirmada por memórias específicas. Além disso, dão pouca informação sobre sua história pessoal ou contam situações difíceis com pouca emoção ou sem atribuir importância. A narrativa tende a ser extremamente curta, violando a máxima de Grice em relação à quantidade.

Muitas vezes, as histórias são contraditórias, sendo recontadas de diferentes maneiras. Ao referirem-se às figuras de apego, podem mostrar idealização, desprezo ou desvalorização. O discurso pode estar tomado por banalidades e informações triviais.

Segundo SIEGEL, o modelo operacional de apego de um adulto desentendido (Ds) é muito semelhante ao de uma criança com apego evitativo. Parece haver uma baixa carga emocional no comportamento das crianças e no discurso dos adultos. Isso seria decorrente da

distância emocional e da rejeição nas relações de primeira infância tanto na criança, quanto no adulto.

A falta de memória de episódios da infância, neste caso, não se refere a um bloqueio causado por trauma, mas aos padrões de relação mãe-bebê que eram desprovidos de emoção e à rejeição parental.

No caso de indivíduos com apego adulto desentendido, há uma grande probabilidade de que seus filhos tenham apego evitativo devido à maneira como os adultos modulam a comunicação (baixa carga emocional, rejeição parental que pode ser reavivada durante a parentalidade).

3. Apego Adulto Preocupado (E⁴)

Adultos com este tipo de apego parecem intensamente preocupados com as relações do passado, com a auto-estima e com a aparência física ou com lutos não resolvidos. O passado volta com muita intensidade para o momento presente.

Os indivíduos parecem incapazes de aplicar critérios objetivos para a compreensão das relações interpessoais, misturando relações de primeira infância com as relações atuais, e o discurso é emocionalmente lábil. A entrevista pode ser longa e trabalhosa, com entendimento muito difícil por conter frases gramaticalmente tortuosas. Há violação das máximas de Grice tanto em relação à quantidade, como ao modo e à relevância. O entrevistado pode omitir informação essencial e carregar em detalhes secundários.

As lembranças impressionam como sendo confusas ou fragmentadas e o discurso acaba sendo incoerente. As respostas não são sucintas e não informam o que o entrevistador perguntou. O acesso às lembranças de infância é fácil, porém estas vão se confundindo com a realidade presente.

Adultos com apego preocupado possuem modelos de apego contraditórios e tornam-se preocupados porque não sabem qual modelo de apego prevalecerá: o do cuidador que consegue ou o do cuidador que não consegue dar conta de suas demandas. Existe também um grande desejo de proximidade e um grande medo de perda desta proximidade.

Essa preocupação excessiva com o passado pode levar o adulto a tratar seu filho como se fosse um espelho de sua infância. Claro está que uma percepção tão distorcida do próprio filho gerará muitas falhas na comunicação entre cuidador e bebê.

⁴ (E) significa *entangled*, ou seja, confuso.

“Em adultos preocupados (E) e suas crianças ambivalentes (C), os modelos mentais de si mesmos com outras pessoas é cheio de fronteiras fendidas entre o passado e o presente” (SIEGEL, 1999). Os relacionamentos são experimentados como sendo cheios de incerteza e inconsistência. Os filhos de pais preocupados acabam por reativar sentimentos de abandono, rejeição, medo, desapontamento e raiva em seus pais, visto que estes pais podem entrar em um estado mental antigo, de suas próprias infâncias.

Segundo SIEGEL, isto acontece pelo seguinte motivo: os pais são convocados a se lembrar de suas memórias de infância por conta do contexto de parentalidade. Dessa maneira, quando um pai percebe em seu filho características similares a ele mesmo quando era criança, cria-se uma situação em que o pai deve lidar com problemas de sua própria infância. No caso de pais preocupados, “a intrusão de informação (memória) do passado em situações do presente impossibilita aos pais ter uma comunicação contingente e colaborativa com seus filhos” (SIEGEL, 1999).

Indivíduos com apego preocupado estão mais propensos a terem filhos com apego ambivalente, que ficam demasiadamente preocupados com seus pais para poderem explorar o ambiente na Situação Estranha e não conseguem se consolar na reunião com seus cuidadores.

4. Apego Adulto Irresoluto/Desorganizado (U/d⁵)

Como nos casos das crianças com apego desorganizado/desorientado, os adultos que estão nesta categoria recebem uma outra categoria principal Ds, E ou F, de acordo com a estrutura de suas narrativas.

Nestes adultos, a narrativa torna-se contraditória e fragmentada quando se aborda temas relacionados ao manejo dos lutos ou à descrição de episódios traumáticos. Ao referir-se a estas situações, podem perder o curso do pensamento até o ponto de não poder recordar o que estavam dizendo ou podem introduzir uma perspectiva incoerente com a que começaram a narrativa. Parece haver uma falta de integração entre os elementos da narrativa: sentimento, memória, capacidade de manter uma comunicação colaborativa e capacidade de manter um fluxo de consciência que permita um discurso coerente. É comum, nestes casos, o uso de verbos no tempo presente para descrever episódios do passado, as frases são muitas vezes incompletas, há longas pausas.

⁵ (U/d) significa unresolved/disorganized e quer dizer que o adulto não resolveu algum trauma ou luto.

Ao falar de acontecimentos traumáticos, pode haver mudanças bruscas e intensas do tom emocional. Supõe-se que estas pessoas tenham passado por episódios traumáticos severos na infância: mortes, abuso sexual ou físico, violência familiar etc.

Esses indivíduos possivelmente terão filhos com apego desorganizado/desorientado, refletindo o colapso da capacidade de modulação emocional e de comunicação de seus pais.

Por intermédio dos estudos realizados por Main na entrevista de adultos e de tantos outros autores desta terceira fase da Teoria do Apego não citados nesta monografia, tem-se um aprofundamento de questões referentes aos padrões de relação interpessoal.

O apego, na sua essência, seria baseado na sensibilidade e na responsividade dos cuidadores aos sinais do bebê. Agora não mais se fala de comportamentos sintonizados, mas de estados mentais em sintonia.

Uma comunicação contingente permite aflorar um apego seguro no bebê e é acompanhada por sinais entendidos e respondidos de forma coerente e consistente dentro da díade. A saúde do indivíduo funda-se, assim, na capacidade de se dividir estados mentais e de se influenciar continuamente um ao outro (pai e filho) com sintonia emocional.

4. Teoria do Apego e Metapsicologia, há uma aproximação possível?

Neste capítulo, será feita uma aproximação, proposta por Bernard Golse⁶, entre a Teoria do Apego e a Metapsicologia. Considerando os pressupostos iniciais da Teoria do Apego, esta aproximação não é trivial. No entanto, Golse irá usar o conceito “pulsão de apego” para fazer esta ponte.

Os estudos de Golse a respeito desta questão são incitados pelos textos de Didier Anzieu acerca dos envelopes psíquicos e do eu-pele. Em 1987, Didier Anzieu publicou seu artigo “*Les Significant formels et lê Moi-peau*” em que lança o conceito de “pulsão de apego”. Anzieu acredita que a pulsão de apego seja uma pulsão intermediária entre a pulsão de autoconservação e a pulsão sexual. Além disso, Anzieu apresenta outros elementos importantes para o desenvolvimento deste conceito que serão inseridos na argumentação proposta por Golse.

Golse aprofundará o conceito de pulsão de apego, considerando-o “extremamente estimulante” por abrir uma perspectiva para a aproximação entre a Teoria do Apego e a teoria de relações de objeto e por poder reintegrar o apego à teoria de apoio. Antes, porém, devemos fazer a ressalva de que o próprio Bowlby não buscava relacionar sua teoria à teoria das pulsões pelos motivos já expostos na seção 3.1.

Pulsão de Apego

Golse propõe que se o apego é uma necessidade primária da criança, ele pode ser libidinizado. Sua idéia é que este conceito não seja entendido do ponto de vista apenas cognitivo⁷, mas perceber, por exemplo, que uma figura de apego é investida afetivamente (pulsionalmente). Segundo GOLSE (2003), “a transmissão transgeracional dos esquemas de apego segue os mecanismos da transmissão fantasmática”. Como pôde ser visto na seção anterior, o AAI permite ver que os adultos fazem representações atuais baseadas em seus antigos esquemas de apego (apego na infância).

“Tudo se passa, então, como se o nascimento e a presença interativa do bebê de carne e osso reativasse, por um efeito

⁶ Pediatra, psiquiatra infantil e psicanalista. Chefe do serviço de psiquiatria infantil do hospital Necker-Enfants Malades em Paris.

⁷ Noção já questionada por Mary Ainsworth, que considerava os esquemas de apego um misto de processos cognitivos e afetivos e aprofundada por Inge Bretherton em seus estudos de modelos operativos internos. Atualmente, as pesquisas sobre apego e narrativa em crianças dão aos esquemas de apego um verdadeiro estatuto de representação mental.

de só-depois, as experiências passadas da história infantil precoce da mãe, e isso principalmente no campo do apego. As experiências passadas – mesmo deformadas – vão, daí em diante, infiltrar a natureza qualitativa do sistema relacional que a mãe vai inconscientemente propor à sua criança” (GOLSE, 2003).

Além disso, a Teoria do Apego dá espaço ao conflito intrapsíquico, representado pelo dilema entre busca de proximidade e exploração do ambiente.

O tempo “auto”, a volta a si presente em toda dinâmica pulsional, também existe na medida em que há manobras de autocontenção, auto-apego.

Desta forma, é possível falar em uma pulsão de apego “no sentido de uma pulsão global de autoconservação secundariamente libidinizada no contexto do sistema interativo precoce, o que permite continuar a se referir à teoria de apoio” (GOLSE, 2003). Esta pulsão seria extremamente precoce, pré-genital, por isso seria global e ancorada na autoconservação. Segundo este autor, a pulsão de apego representaria uma pulsão de vida sem estar ainda sexualizada pelo apoio. Esta idéia seria compatível com a hipótese proposta por Anzieu, a saber, uma realização pulsional não libidinizada, sem zonas erógenas, entre a pulsão de autoconservação e a pulsão sexual.

O Circuito da Pulsão

A satisfação da pulsão se dá por meio da realização de um trajeto em forma de circuito que se fecha em seu próprio ponto de partida. Essa satisfação é obtida pela experiência de ser o sujeito um objeto satisfatório para o Outro, chamado por Lacan de terceiro tempo pulsional. Segundo Lacan, há, nesse momento, o surgimento do sujeito da pulsão, pois o sujeito atinge a dimensão do Outro pelo remate da pulsão. Assim, o registro da satisfação da pulsão é diferente do registro da satisfação da necessidade. Daremos um exemplo dos três tempos do circuito pulsional no registro da pulsão oral.

No primeiro tempo, o bebê busca um objeto oral, seja o seio ou a mamadeira, para dele se apoderar. Este é considerado o tempo ativo do circuito pulsional.

No segundo tempo, o bebê toma como objeto o seu próprio corpo, chupando sua mãozinha ou uma chupeta. Aqui ele tem uma experiência alucinatória de satisfação. Este tempo é considerado auto-reflexivo. Até o segundo tempo da pulsão não se pode dizer que haja um sujeito da pulsão, uma vez que este só pode surgir no remate pulsional, no movimento circular do impulso.

No terceiro tempo, “a criança se assujeita a um outro, que vai se tornar o sujeito da pulsão do bebê” (LAZNIK, 2004). Ou seja, este é considerado o tempo passivo, apesar de Laznik considerar esta passividade apenas aparente, já que o bebê se faz objeto de um outro sujeito. Neste tempo, o bebê dá o seu corpinho para que o cuidador finja comê-lo com muito prazer, em um jogo. A criança busca, assim, fisgar o gozo da mãe/cuidador (sendo a mãe o Outro que é provedor de significante). E será a possibilidade de fisgar o gozo do cuidador (que envolve a capacidade de ser objeto, por parte do bebê, e de ser fisgado por este bebê, por parte do cuidador) que viabilizará o surgimento do novo sujeito. Este terceiro tempo é necessário para o remate do circuito pulsional. “A pulsão se satisfaz porque o circuito gira, cada um dos tempos tornará a passar um infinito número de vezes” (LAZNIK, 2004).

Para GOLSE, a Teoria do Apego estaria compreendida no terceiro tempo da montagem do circuito pulsional. No primeiro tempo do circuito, a criança perceberia o papel de autoconservação do objeto de apego. No segundo tempo, perceberia as ausências intermitentes deste objeto. No terceiro tempo, a criança seduziria este objeto, oferecendo-se como objeto de suas próprias pulsões. O objeto ou figura de apego deve ser percebido como um objeto que a criança deve animar, “buscando ativamente colocar-se em posição passiva de objeto pulsional parcial desse”. (GOLSE, 2003). Estas seriam as reformulações, do ponto de vista metapsicológico, das funções de apelo e de sinalização da Teoria do Apego. A Teoria do Apego forneceria, assim, um modelo para o laço entre criança e adulto, permitindo sexualizar, pulsionar uma relação inicialmente autoconservadora e centrada no tema de contato e distância.

Segundo GOLSE, a Teoria do Apego estaria entre uma teoria das pulsões (que delimita um aquém do objeto, metapsicologia da ausência) e uma teoria das relações de objeto (olhar sobre o objeto, metapsicologia da presença). Seria uma posição intermediária, que pode ser mais bem explicada por Bollas: “a pulsão sem objeto é um mito, o objeto sem pulsão é um logro e o verdadeiro Self se enraíza, muito precisamente, no ponto de encontro dos dois” (GOLSE, 2003).

Também os laços entre processos de apego e representações mentais vão permitir melhor entender esta posição *sui generis* desta teoria. O lugar da representação mental dentro da Teoria do Apego sofreu uma forte modificação por meio do trabalho de Mary Main em relação à pesquisa realizadas com adultos e as representações retrospectivas de suas infâncias – tema tratado por Golse pelo conceito de só-depois. Outra importante mudança desta teoria deu-se com os estudos de narratividade na criança, fortemente embasada nos conceitos de modelos operativos internos, ou seja, os processos de representação na infância em relação

aos processos de apego precoce, que foram estudados por Inge Bretherton. Bretherton irá mostrar em seu trabalho que é a distância entre o que é esperado e o que é vivido que será informativo para a criança. As representações irão refletir conjuntamente algo que é do sujeito (o bebê), algo que é do objeto (o cuidador) e o tipo de laço que os une. Leva-se em conta, ao mesmo tempo “a fonte pulsional (do lado do bebê) e o objeto (o cuidador), o que confere ao apego (...) um *status* plausível de candidato ao papel de ponte entre essas duas teorias (...) a teoria das pulsões e a teoria do apego”. (GOLSE, 2003).

A partir da terceira fase da Teoria do Apego, não é mais possível entender o apego apenas como um comportamento automatizado sem mentalizações. A narratividade estudada nesta terceira fase “oferecerá a possibilidade de reunir num mesmo olhar a Teoria do Apego e a Teoria Psicanalítica” (GOLSE, 2003).

5. Conclusão

Ao desenvolver a Teoria do Apego, Bowlby valeu-se de sua história pessoal, suas reflexões sobre sua infância, as guerras em que viveu, seu trabalho em *Priory Gate*, sua experiência acadêmica. Homem e teoria caminharam lado a lado, daí a importância de se conhecer um pouco de sua biografia para entender o seu enfrentamento às teorias psicanalíticas vigentes, principalmente em relação à sua confrontação com a teoria de Melanie Klein (DIJKEN, VEER et al., 1998).

A inovação de seus pressupostos psicanalíticos, com o afastamento da teoria das pulsões, iria distanciar Bowlby do círculo psicanalítico de sua época (a reaproximação só ocorreria a partir dos anos 80). Assim sendo, suas idéias seriam ouvidas, principalmente, pelos psicólogos do desenvolvimento. Podemos ver a influência de sua teoria em textos de psicólogos do desenvolvimento atuais, como Trevarthen, no estudo da intersubjetividade do bebê.

Ainda hoje, parece existir uma associação muito forte entre esta teoria e a noção de que o apego seja apenas um comportamento, sem haver um aprofundamento maior em relação às representações mentais ligadas a este conceito e aos estudos sobre narratividade e transgeracionalidade já realizados desde os anos 80.

Ao longo desta monografia foi possível demonstrar como a Teoria do Apego, conforme caminhava, aprofundava cada vez mais seus estudos em relação à narratividade, à transgeracionalidade e a uma preocupação maior com os estados internos da mente, em detrimento de seu início, mais orientado para estudos do comportamento de apego e de cuidado. A Teoria do Apego contribui não só para o enriquecimento da psicologia do desenvolvimento como também para a psicanálise no que se refere à construção da história do bebê e à instauração psíquica do bebê.

Atualmente, estudiosos da primeira infância, preocupados com o papel da narratividade na construção de um esboço da história dos bebês, ou seja, de suas relações precoces, estão aproximando o corpo teórico da metapsicologia ao do apego. Esta aproximação seria, para estes teóricos, uma forma de melhor entender a instauração do processo de subjetivação. Daí o interesse de estudar a Teoria do Apego.

Desta forma, dá-se uma grande importância aos processos transgeracionais para se entender esta construção que toma emprestado de um outro, mas sem cair na alienação, ou seja, permitindo ao sujeito se manifestar sem se paralisar por mandatos transgeracionais muito

pesados. Acredita-se, assim, que a criança poderá resistir a certos mandatos e, desse modo, ser “a historiadora da história que ela mesma contribui a escrever” (GOLSE, 2003).

Referências Bibliográficas

AINSWORTH, M. **Infancy in Uganda: Infant Care and the Growth of Love**. Baltimore: Johns Hopkins University Press. 1967.

ANZIEU, D. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2000.

BEEBE, B. A Comparison of Meltzoff, Trevarthen and Stern. **Psychoanalytic Dialogues**, vol. 13, nº6, pp. 777-804, 2003.

BRETHERTON, I. The Origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. **Developmental Psychology**, 28, 759-775. 1992.

COATES, S. W. John Bowlby and Margaret S. Mahler: their lives and theories. **The Journal of the American Psychoanalytic Association**, vol 52, nº 2, 2004.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo**. Vol. 1 da trilogia Apego e Perda. São Paulo: Martins Fontes 1990a.

BOWLBY, J. **Separação: angústia e raiva**. Vol. 2 da trilogia Apego e Perda. São Paulo: Martins Fontes 1990b.

BOWLBY, J. **Perda: tristeza e depressão**. Vol. 3 da trilogia Apego e Perda. São Paulo: Martins Fontes 1990c.

BOWLBY, J. **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos**. São Paulo: Martins Fontes 2001.

CHINCHILLA, E. O. Resenha sobre o livro La Teoria del Apego. Um Enfoque Actual, de Mario Marrone (2001). **Aperturas Psicoanalíticas**, nº 10. Mar. 2002.

DIJKEN, S., VEER R.V.D, IJZENDOORN, M.V e KUIPERS, H.J. Bowlby before Bowlby: the sources of an intellectual departure in psychoanalysis and psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**: Vol.34(3),247–269. Summer, 1998.

GOLSE, B. **Sobre a Psicoterapia Pais-Bebê: narratividade, filiação e transmissão.** São Paulo: Casa do Psicólogo. Coleção Primeira Infância. 2003.

HOLMES, J. **Attachment, Intimacy, Autonomy: using attachment theory in adult psychotherapy.** New Jersey: Jason Aronson Inc. 1996.

LAZNIK, M.C. “Por uma Teoria Lacaniana das Pulsões” *in A Voz da Sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito.* Salvador: Ágalma. 2004.

MAIN, M., KAPLAN, N., e CASSIDY, J. Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In *Growing Points of Attachment Theory and Research*, ed. I. Bretherton & E. Waters. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, vol. 50 (1-2), serial no. 209. Chicago: University of Chicago Press, pp. 66-104. 1985.

MAIN, M., e CASSIDY, J. Categories of response to reunion with the parent at age six: Predicted from infant attachment classifications and stable over a one-month period. **Developmental Psychology** 24: 415-426. 1988.

MAIN, M. Las Categorías Organizadas del Apego en el Infante, en el Niño, y en el Adulto: Atención Flexible versus Inflexible bajo estrés relacionado con el apego. **Aperturas Psicoanalíticas**, nº 8. Jul. 2001.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997.

SIEGEL, D. J. **The Developing Mind: how relationships and the brain interact to shape who we are.** New York: The Guilford Press. 1999.